

SUSANA AMARO VELHO

AS ÚLTIMAS LINHAS
DESTAS MÃOS

coolbooks

Ao meu avô, José Amaro

“Eu nem sequer gosto de escrever.
Acontece-me às vezes estar tão desesperado
que me refugio no papel como quem se esconde para chorar.
E o mais estranho é arrancar da minha angústia
palavras de profunda reconciliação com a vida.”

Eugénio de Andrade *in Rosto Precário*

PRÓLOGO

Sabes aquele sentimento incapacitante que te corrói por dentro como se fosse um cancro, porque também ele se alimenta de ti? Eu não sei, mas a minha mãe sabia. Sabia porque a sua alma agora é quase tão difícil de encontrar como o foi o seu corpo, perdido nas profundezas de um mar onde eu mergulhei e nadei em tantos verões quentes. A minha mãe morreu desse cancro, com um nome começado pela letra A. Chama-se Amor. Eu própria duvidava que se pudesse morrer de amor, mas afinal podemos. Talvez não morrer dele, mas morrer por ele, ou ir morrendo nele. Deixou-me um sem número de questões e deixou-me também um emaranhado de cartas, algumas tão gastas como as palmas das suas mãos. Lembro-me das mãos dela como se as tivesse ainda aqui a acariciar o meu cabelo quando ele tinha os primeiros caracóis – que ela depois cortou e guardou junto a um saquinho de cheiro a alfazema. Tinham dedos compridos, torneados, com as unhas tão quadradas que não precisavam de quem as limasse ou arredondasse os cantos. As mãos dela perderam as linhas. Perderam o traço, o percurso, o que nos define e o que liga cabeça, vida e coração. Não sei como as perdeu, mas talvez fosse por isso que se apegou a estas, as das páginas perdidas e soltas que escreveu. Como se todos os sintomas se formassem de palavras e todas as metástases fossem metáforas, hipérboles e personificações. Eram brancas e macias, aquelas mãos de veias marcadas, mas sem linhas. Aquelas que se marcam com calos, que se gastam com o esforço, que se desfocam com o tempo. As únicas que uns lêem e adivinham. As mesmas de que outros duvidam

e menosprezam. As linhas são as curvas que se entrelaçam, como num grande amor. Como num infinito que, embora possa amachucar-se, nunca perde verdadeiramente a forma. As linhas curvas hão-de bater sempre noutra linha qualquer e, por isso, os grandes amores vão sempre encontrar a linha que escolheram para se tornarem eternos. Um infinito do qual se padece. Um amor eterno do qual se definha. Assim foi o dela e assim perdurará. Nas linhas que ela transformou e tornou infinitas. As mesmas que se lêem e se perderam de amor.

TERESA

Esta será, provavelmente, a minha última carta e eu sei que nunca me perdoarás por isso. Não perdoarás a despedida fria e sem os abraços que para ti são a principal das demonstrações de afecto. Sei-o, não pelos abraços que me deste, mas pelos que te vejo dar hoje à tua filha. E que bonita ela é. Tem os teus olhos, com aquela doçura forte. Com aquela ternura que encoraja. Sei que também nunca irás perdoar teres sido, primeiro, mãe dos teus irmãos. Não irás perdoar os meus momentos de apatia, de pouco deslumbramento pelas coisas, pelas datas, pelos dias que se seguiram, nesta vida, para mim, sempre, absolutamente iguais. Perdi-me algures entre a tua infância e adolescência. Foi onde deixei a esperança e tudo mudou. A utopia que eu criei era só minha. No meu círculo não cabia ninguém sem ser eu. Este eu fraco e desencorajado, que deixou de pintar, de criar, de acreditar. Que, simplesmente, se deixou.

Ontem, escondi-me atrás da cortina de quadrados que dá para o pátio. Tinha a janela entreaberta e senti o calor do sol tocar-me o peito. Sabes que sempre fiquei vermelha com o calor, com o incidir do sol sobre a minha pele demasiado clara. O calor abanou-me. Tirou-me desta espécie de paralisia e permitiu-me ver. Escondi-me e vi-te abraçar a tua filha ao mesmo tempo que lhe compunhas o rabo-de-cavalo. Tive saudades tuas. Tive saudades tuas, sempre. Merecias mais. Terás mais. Eu tive dois abandonos numa só vida. Primeiro o real, depois o do faz-de-conta, que, na realidade, foi só mais um e veio completar a minha cabeleira branca. E agora tenho o quê? Menos asas. Menos sonhos. Menos jovialidade. Mais dependência apesar da maturidade

que deveria ter e que vocês ainda não tinham quando ele bateu a porta e saiu.

Sei que, tantas e tantas vezes, eu sou só mais uma almofada decorativa do sofá. Das velhas e gastas. Daquelas que, mesmo que tires a capa para lavar, estão tão puídas que nem o melhor dos detergentes lhes devolverá a cor. Os teus irmãos deixaram de olhar para mim. Entram e saem. Nem uma palavra. Jantam na tua casa. Jantam em casa de amigos. Escola. Casa. Fins-de-semana. Férias. Escola. Casa. A vida continua para os vivos. Aqui, nisto a que eu tento a custo chamar de casa. Vivem sem mãe há tanto tempo que nunca saberão viver com ela. A almofada continua ali, no sofá, indiferente à indiferença deles. O meu cabelo já todo branco e desalinhado. A indumentária que agora se limita às mesmas camisas de noite com já oito anos, cores esbatidas e um algodão gasto e com borboto. Não sobram caracóis da permanente que outrora me enfeitou o rosto que ainda maquilhava com afinco. Foram-se os canudos cor de mel. Foram-se as bochechas rosadas e o peito robusto. Sobrou branco. E preto. Sobrou o que sou por dentro. É como se me pudesse ver á transparência e as minhas veias, artérias, sementes do que fui, fossem agora tão pretas e marcadas como as lembranças que carrego dia e noite. Sou assim. Branca por fora. Preta por dentro. Com dois contornos de olhos que funcionam como buracos para a profundidade escura que vive lá dentro. Sem curvas nem apetrechos. Sem decoração de interiores.

O meu último percurso também foi assim. Sem curvas. Uma linha recta de cascalho que cortou estes pés descalços. É como se a penumbra me comesse nos pés e acabasse no fim do meu cabelo, permitindo que, a cada passo, a escuridão aumente. Como um crepúsculo, sabes? Como um fim de dia nublado, húmido? Já nada faz sentido, pois não? Talvez, afinal, eu seja mesmo louca. Ou esteja só desnor-teada. Mas aqui, sentada na areia, com o frio que me afinca o medo, parece que sou uma louca com coragem suficiente para acabar com esta loucura. Encontrei o norte.

Sei que é inútil escrever mais cartas ao teu pai. Foi inútil durante todos estes anos. A nossa história ficará sempre por concluir. Sinto que me repito em todas elas e, muitas vezes, já não encontro um fio

que me conduza o raciocínio, que o alimento. *Enderecei-lhe a última delas. Talvez a mais lúcida. Chega de as guardar debaixo da cama, num cofre tão antigo quanto eu. Foram demasiados anos e foi-se a esperança. É isso. E, sem cartas por escrever, não tenho nada. Não o tenho a ele nas minhas linhas. Diz-lhe, somente e quando o encontrares, que o amo com este sentimento intemporal que irá comigo para onde caminho agora, esperando descobrir algo mais que o peso da saudade. Diz-lhe que o amo todos os dias. Que o toco na cama em todos os movimentos que dou e que o ouço inspirar e fazer aquele estalinho com a boca cada vez que solta o ar novamente. Um dia vais encontrá-lo. E a este amor adolescente. Conheço-o tão bem. Ainda o vejo tão bem, ali. A posição dele a dormir. “Eu amo-te”. Diz-lhe isso por mim. Diz uma última vez, mas fá-lo bem alto, sem medos, com a coragem que me faltou quando o deixei ir. Dá azo à loucura e ânsia da tua mãe. Encontra-o. Trá-lo de volta. Ensina-lhe o caminho e mostra-lhe que ainda há tempo. Será assim. Até que a morte nos separe. E não falta muito. Estou cansada. É de cansaço que me visto. E que o meu corpo nunca apareça, porque o meu espírito há muito que se perdeu. Leva as cartas. Recupera-as. Recupera-o.*

Alice.

Deve ter sido depois disto que ela se atirou ao mar.

E então dobrei a carta em quatro partes iguais e enfiei-a novamente na gaveta. Li-a tantas vezes, mas, mesmo assim, achei sempre que era insuficiente. Fria. Gelada e sem nexos. Sem que me dissesse ou acrescentasse grande coisa. Aliás, há muito que a minha mãe não me dizia nada. Palavras soltas e pensamentos vãos, provavelmente a maior parte da minha vida. Não quis que eu namorasse com o Artur. Não quis que eu casasse com o Artur e quando lhe anunciei que o casamento se daria daí a poucos dias – poupei-a de saber três meses antes, pois seriam três meses de depressão profunda e simulação de desmaios – ficou apática no sofá e sem falar até ao dia em que entrei no Cartório. Nesse, disse-me só «Sê melhor que eu». Tinha medo que também eu saísse de casa, que também eu a deixasse. Era sempre assim. Primeiro um desesperar

histérico, acompanhado de gritos que culminavam num desmaio. Depois uma apatia profunda, eu diria mesmo sufocante, exasperante, para quem lidava com ela. Não sei como nos transformámos nisto. Um dia o meu pai deixou de suportar o facto de viver lá em casa e, quando aos cinquenta anos arranjou uma namorada de trinta, a minha mãe esteve doze dias internada. Isso perfaz umas duzentas e cinquenta horas medicada para que não gritasse ou chorasse e, nas poucas em que me parecia lúcida, a implorar-me para que a deixasse morrer. Teve a sua quota-parte de abandono. E eu de sofrimento.

O desespero, a culpa e a inutilidade deixaram de me consumir com o passar dos dias. Aprendi a viver com o facto de a minha mãe odiar a vida e agora, depois de umas quantas tentativas falhadas, o choque e a dor já não eram os mesmos. Tive tempo e ameaças suficientes para me preparar. Houve alturas em que tinha medo de estar sozinha. Tinha medo e não dormia sem o pequeno candeeiro de pinho aceso. Era o pânico da incerteza que me aterrorizava, mas, no fundo, sabia que ela haveria sempre de sobreviver. Muitas vezes pensei, friamente, que quem quer morrer mata-se. Mas mata-se efectivamente. Com um tiro. Com comprimidos suficientes. Com cortes profundos que façam realmente o sangue esvaír-se para fora daquele corpo que não lhe dá vida. Mas assim? Meio-morta? A pedir ajuda? Atenção? Era disso que ela precisava? Mais atenção? Talvez pareça insensível da minha parte pensar assim, mas na realidade como é que nos pode afectar a morte de um morto?

Tirei a carta novamente e li apenas a primeira linha. Não, nunca a iria perdoar. Tinha os cartões de condolências ainda em cima da mesa. Anjos. Flores mortíferas e cores baças. Uma cruz aqui e acolá, uns maiores que outros. Não tinha vontade de ler nenhum. Estava exausta das horas mal dormidas, de não perceber ao certo o que sentia. Ainda tinha de ir deitar a minha filha, que também iria questionar na sua genuína inocência onde estaria a avó Alice e arranjar cama, lençóis, almofadas para os meus irmãos que, agora, e em definitivo, iam ficar comigo. Tenho quinze anos de diferença do meu irmão do meio e dezassete do mais novo. Tenho trinta anos e uma filha, ou na realidade tenho três. Podia ser – e fui – mãe deles. Quando soube

que ia ter um irmão, não percebi o porquê de a minha mãe ter engravidado. Só eu, cuja única preocupação na vida eram as borbulhas na testa e no queixo, a barriga inchada que me fazia parecer gorda e o facto de a minha melhor amiga ter tido um desgosto de amor, não alcancei a necessidade premente da minha mãe em ter um filho. Isto porque, na modéstia opinião de uma miúda de quinze anos, talvez mais coerente que a de muitos adultos ao redor, era ridículo um casal ter filhos quando mal se falava, quando discutia porque o copo tinha uma mancha, ou, por outro lado, porque estava tão lavado que sabia a detergente. Ingenuidade? Era eu a ingénua? A única filha existente defendia-se desta batalha sendo fútil, egocêntrica, demasiado caprichosa e desligada de assuntos reais. Se não percebi a chegada do Henrique, ainda menos entendi a do Sebastião. Coitado do meu irmão. Até o nome do meu pai carrega. Quando um golpe falha, damos outro? Tipo pugilismo? De seguida? Sem pensar nas consequências e na eventualidade deste último deixar o adversário cego? A minha mãe cegou-nos a todos. E ao meu pai de forma irreversível. Ele tentou, mas desistiu pouco tempo depois. Primeiro, porque não conseguia gerir uma casa em ruínas, com choros vindos da mãe e dos filhos. Depois, acredito eu, já devia ter o seu caso(s) pendente(s) por resolver e um novo filho importaria numa nova desculpa perante a(s) amante(s). Imagino-o no seu tom de tenor, no vigor dos seus quarenta e poucos, a explicar à sua nova namorada secreta que não sabia como aquilo tinha acontecido, mas que, como homem sério que é, agora não podia desonrar os seus compromissos. Era isso que eu e os meus irmãos éramos. Compromissos. Mas os compromissos foram abandonados quando eu tinha pouco mais de vinte anos, e segundo ele, a vida feita. Parece é que os miúdos não tinham. E parece que ele os desonrou.

Foram períodos difíceis os que ligaram uma infância, adolescência e vida pré-adulta. Aliás, foram todos eles estranhos, atípicos e nada vividos da forma previsível ou que se esperava. Foram períodos pautados por dúvidas, dias de um choro intermitente que ora durava semanas ora tirava férias e se escondia atrás de uma alegria momentânea e quase medonha. Eu sempre desconfiei dela. Não foi fácil gerir isto. Não foi fácil gerir tanta coisa e doseá-la com

os pavores típicos da infância, as crises presentes e crescentes da adolescência ou a necessidade de desprendimento de um começo de vida com outra pessoa. Perdi-me, também eu, tantas vezes. Sem saber ao que ia ou o que era. Perdi-me entre terrores nocturnos, bebés que gritavam, mães que sofriam e pais que fugiam entre as vírgulas de uma discussão ou uma mudança de fraldas. Perdemos-nos todos e eu não sei bem, olhando para trás, onde é que alguma vez nos unimos ou encontrámos.

Agora, ela deixou-me. Ela deixou-me a última carta. Meio perdida, meio encontrada. Como nós e como ela. Deixou-me a certeza de que não o fez em busca de atenção, mas sim para que toda a atenção centrada nela terminasse. Finalmente. Em definitivo.

Quem era a minha mãe? Perdeu-se de quem? Nesta sala de perdidos e achados, creio que nunca a encontrei.

Compassiva. Característica da pessoa que abre mão de um determinado objectivo para que outro realize um sonho. É a definição certa. É a minha definição. Esperei tanto por ti e depois deixei-te ir. Deixei que seguisses o teu traçado, delineasses as tuas curvas. Que me deixasses na valeta. Meio morta, meio viva.

Tentei que a vida seguisse normal sem ti. Não pensem eles que me conhecem. Não foi a ruptura de um casamento que me derrotou, foi o teres desistido de mim, ao ponto de preferires seguir um caminho sem mim. Tu e não ele. Desistência. Abandono. Desabrigo. Desamparo. Desamparada, sim. Desde o dia em que me tornei compassiva. Tentei que a vida seguisse normal sem ti, mas o abismo sugou-me primeiro as pernas, depois os braços, depois as mãos e até os dedos. Escrever já me custa. Temo que me sugue rapidamente também a cabeça. Penso demasiado. A minha filha diz que eu penso demasiado. Pensar. Formar no espírito pensamentos ou ideias. E quando as ideias são aglutinações de memórias que, por serem tão fortes e tão vivas, nos impedem de deixar de pensar? Parece-te confuso? É assim a minha cabeça quase sugada e compassiva.

A.

TERESA

- Estou a falar com Teresa Monforte?
- Está, sim. Estou a falar com quem?
- Lamento incomodar, mas contacto-a do posto da Guarda Nacional Republicana. É muito difícil dar-lhe esta notícia.
- O que é que se passa?
- Encontrámos um corpo no areal. Aliás, foi um pescador quem o encontrou. É possível que seja a sua mãe, sabe, como ela está desaparecida. É que pela descrição pode mesmo ser. Precisamos que faça o reconhecimento.

Não sei se respondi. Não sei se disse que ia, se disse ser engano, se chorei. Fiquei vazia de tudo, vazia de mim. Perdi ligeiramente o equilíbrio, agarrei-me com força à lateral da cómoda antiga da avó Lurdes, que eu com tanto amor havia restaurado para o meu escritório. É uma cómoda verdadeira, daquelas pesadas que precisam de três homens para a deslocar. Se calhar isto nem é bem uma cómoda, é mais um aparador. Tem rosas esculpidas na zona dos puxadores de latão e, mesmo agora, ainda cheira a *bondex*. Tem sempre centenas de papéis, contas por pagar, chaves, óculos e outros lixos que tais, em cima. Quase não se vê o tampo cor de caramelo. Encontraram o corpo da minha mãe. Vejo-lhe o brilho e sinto o cheiro a madeira nova. O passar do tempo. Lembro-me da avó a procurar na primeira gaveta aqueles livros de “sopa de letras” que ela rasurava e me entregava para fazer de novo, quando já os tinha terminado. Cheiravam a naftalina. Cheiravam a inocência. A ausência de

tecnologias excessivas que nos privam destas tão puras memórias. A minha mãe estava desaparecida há mais de três dias. Três dias em que todas as horas me disseram que ela não voltaria mais. As horas e a carta. Aquela que ela deixou em cima da cama, anunciando que a penumbra em que vivia havia chegado ao fim. Desta vez não havia indícios das chamadas de atenção. Putativas mortes. Havia uma carta e o destinatário era claro: Teresa. A polícia foi alertada assim que a carta foi encontrada num emaranhado de revistas, como que escondida, mas a gritar por uma mão que a segurasse em simultâneo. Um corpo na praia? Porque é que a praia não foi uma hipótese, sequer, quando me lembrei de todas as formas de suicídio possíveis? Talvez por não a julgar com coragem para uma tomada de atitude tão radical. Mas também não a julguei capaz de tomar comprimidos em série, até que uma primeira vez me mostrou o contrário. Desistir. Era isso que ela fazia. Iniciava aquele percurso sem aparente retorno, mas que acabava por culminar apenas numa maior fraqueza de corpo e de espírito. Achei que ela não tinha coragem. De todas as vezes em que a encontrei, era a alma dela quem estava morta. Apenas. Foram ciclos intermináveis de discussões, pelos meus irmãos, pela vida que ela nos estava a dar. Desacreditámos no amor. Desacreditámos no conceito de família. Encontrada com convulsões. Encontrada na banheira. Encontrada moribunda sentada à secretária de cerejeira, com a caneta rebentada nas mãos e a tinta azul misturada com o sangue.

– Artur?

– Sim.

– Desculpa acordar-te, ainda é cedo. Preciso que faças uma coisa por mim. Ligaram da GNR, mas eu não sou capaz.

Desliguei outra vez o telefone. Ouvi novamente o som daquela voz que a medo me disse que tinham encontrado um corpo. O meu coração disparou num alvoroço que não lhe é habitual. Assolou-me um pânico ofegante. “Corpo na praia”. A carta não estava escondida. O corpo é que tentou esconder-se, mas o mar não o permitiu.